

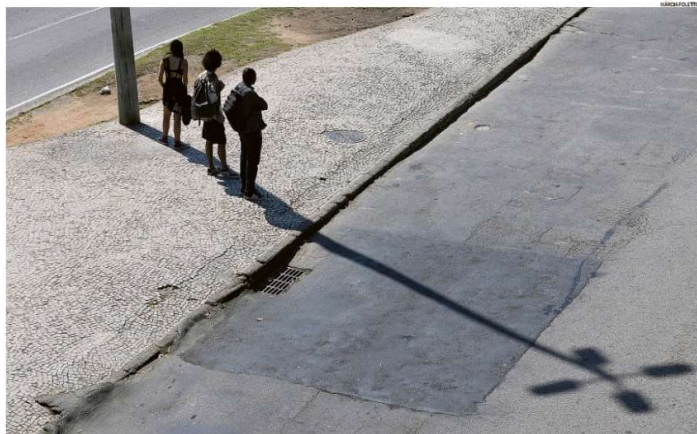
**Rio**



## GOLPE EM TURISTA

### Motorista de aplicativo é preso

Acusado simular defeito no carro e, quando parava, motoqueiro cometia assalto



**Por um lugar à sombra** Pessoas se protegem do sol atrás de um poste num ponto de ônibus na Avenida Presidente Vargas, no Centro; altas temperaturas devem continuar na cidade no mínimo até o dia 14

# UM PAREDÃO DE CALOR

Outono com cara de verão no Rio  
está ligado ao desastre na Região Sul

CAROLINA CALLEGARI  
E CAMILA ARAUJO  
grunderkol@iglobo.com.br

Não é apenas depois do fim de uma tempestade, caminhando por três ou mais dias, que se percebe o mau tempo. Há uma história de medições incertas no Rio em 1966. Dados do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) mostram que, naquele ano, o clima foi diferente dos anteriores. Poucas chuvas, baixa umidade relativa do ar e, principalmente, temperaturas bem acima da média não são esperadas em um período de seca prolongada. O clima do Rio, a mudança de cenário ficou ainda mais evidente com um bloqueio atmosférico associado, a partir do dia 1º, a uma onda de calor prolongada. Este período de altas temperaturas está impedido a passagem de frentes frias, que ficaram concentradas na Região Sul. Segundo meteorologistas, o fenômeno impacta diretamente nas chuvas de todo o país, inclusive no Grande do Sul a decretação de calamidade.

Opanode fundo é a mudança climática global, que se manifesta em eventos extremos cada vez mais frequentes e intensos, conforme explica o pesquisador Emílio La Rovere, coordenador do Centro de Estudos Integrados sobre Meio Ambiente e Mudanças Climáticas (Centro Clima), da Coppe/UFRJ.

— Em todo o mundo há furacões mais fortes, elevação do nível do mar e, na América do Sul, a intensificação do fenômeno El Niño. No Brasil, isso provoca secas mais graves no Nordeste, e chuvas mais intensas no Sul. No Rio, a consequência foi nova onda de

calor e um bloqueio atmosférico que cria a barreira de alta pressão de uma massa de ar quente. A frente fria que atinge o Rio Grande do Sul não tem força e nem velocidade para furar esse bloqueio e se dissipar — afirma Emilio.

A tragédia climática no estado gaúcho começou com as chuvas que vêm desabando desde 29 de abril. Nos últimos dias, ao menos três fenômenos favoreceram a concentração de tempestades na região: um cavado (corrente intensa de vento), que deixa o tempo instável; um corredor de umidade vindo da Amazônia; e o bloqueio atmosférico, reflexo da onda de calor, que manteve a chuva no sul do país. Este último persiste.

### DIAS ATÍPICOS

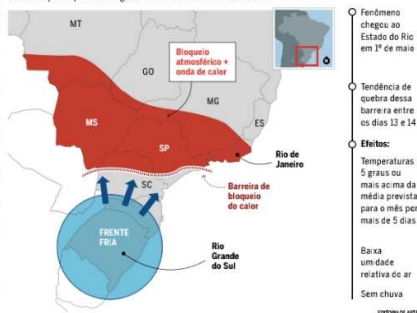
Antes mesmo da onda de calor que chegou no começo de maio, este outono já se comportava de maneira surpreendente nos municípios fluminenses. No lugar de esperadas temperaturas amenas, a capital, por exemplo, já registrou máximas de 36°C, bem acima dos 28°C considerados, em média, o topo para o mês. Niterói teve a temperatura mais alta do país no dia 28 de abril — 38,8°C —, e repetiu o feito no último dia 2.

— O início do outono ainda carrega características do verão. Tanto que abril costuma ser chuvoso, embora esse tenha sido exceção. O calor é esperado, sim, mas não nessa média atual. Quando vamos entrando em junho, vão surgindo as características do inverno, mais frio e seco — explica Thiago Sousa, cientista do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

Segundo levantamento do órgão, a partir da série

## O CENÁRIO CLIMÁTICO

O bloqueio atmosférico com onda de calor forma uma barreira que impede a chegada de frentes frias vindas do Sul.



histórica inaugurada em 1966, o mês de abril deste ano foi o mais seco na capital do Rio — o Inmet aponta que a última chuva sobre a cidade caiu no dia 18 do mês passado. E, segundo o Alerta Rio, da prefeitura, aquela foi apenas a quarta vez que isso aconteceu em abril.

Os efeitos das mudanças climáticas podem ser percebidos a olho nu, aponta Emilio La Rovere, o pesquisador da Coppe. Entre os meses de abril e junho, uma névoa seca paira sobre a cidade pela manhã, provocando até o fechamento dos aeroportos.

— Esse sistema de alta pressão causa um efeito de tamponamento e evita que os gases quentes emitidos pelos veículos se dispersem. A qualidade do ar fica pior. Você vê

aquela mancha marrom sobre a cidade, por conta dessa dificuldade de dispersão, tamanha a pressão sobre eles — explica Emilio.

A estiagem não afetou os reservatórios do estado. De acordo com o Sistema de Informações Geográficas e Ambientais do Comitê Guandu, a água que abastece cerca de nove milhões de pessoas opera com 95,07% da sua capacidade. A Ceda também informou que não houve redução nos sistemas de abastecimento em função da falta de chuvas.

**DOIS FENÔMENOS**  
Tanto o bloqueio atmosférico como a onda de calor podem se formar em qualquer época do ano. Os dois fenômenos têm similaridades e

dois fenômenos. Geralmente a onda de calor é consequência de um bloqueio. Existe também bloqueio sem ela. Mas já tivemos outras ondas até mais intensas e duradouras do que essa, também durante o outono, como em 2016 e 2020 — explica o meteorologista do Climatempo Fábio Luengo. — Sempre teve onda de calor, mas elas estão ficando cada vez mais frequentes e cada vez mais intensas.

Já em 21 de março, no segundo dia de outono, o Alerta Rio registrou 40,6°C na estação Guaratiba, na Zona Oeste da cidade. Essa foi a maior temperatura na estação desde o início da série histórica do sistema, em 1997. A tendência é que as máximas sigam acima dos 30 graus até dia 14, quando uma quebra do bloqueio atmosférico poderá começar a permitir a passagem e a chegada de frentes frias ao Rio.

— O bloqueio atmosférico, esse sistema de alta pressão, inibe a formação de chuva, por isso há calor e baixa umidade. Nos últimos dias, nos mantivemos acima dos 35°C — diz o meteorologista do Inmet Thiago Sousa.

## BAIXA UMIDADE

A combinação de fenômenos meteorológicos — o bloqueio atmosférico e a onda de calor — também tem como consequência a baixa umidade relativa do ar: a taxa prevista para hoje é de 20%. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o nível ideal de umidade do ar para o corpo varia entre 40% e 70%.

Além de lidar com as doenças respiratórias típicas desta época, a rede municipal de saúde do Rio registrou aumento na procura por atendimento devido a problemas relacionados ao calor.

— A exposição ao calor afeta as pessoas que têm dificuldade de controle térmico, como idosos, crianças pequenas, gestantes e pessoas com doenças crônicas. A orientação é evitar exposição ao sol, beber bastante água e, em caso de emergência, buscar a clínica da família mais próxima — afirma Renato Cony, subsecretário municipal de Promoção, Atenção Primária e Vigilância em Saúde.

Ações simples do dia a dia podem ajudar. Manter a hidratação, arejar os ambientes, deixando o ar circular, e, à noite, recorrer ao umidificador ou a tigelas e baldes com água no quarto, são algumas medidas possíveis.

particularidades. No cenário atual, atuam combinados e, por isso, potencializam sua influência nas regiões ao redor. O bloqueio é formado

do. Oloqueiro é formado quando uma área de alta pressão, em torno de cinco mil metros de altitude, se instala no centro do país, podendo chegar ao Sudeste. Pela barreira que cria, a frente fria vinda do sul não consegue passagem, é desviada para o oceano e não causa queda nas temperaturas nem chuva nas cidades. Para se caracterizar uma onda de calor, é preciso que a temperatura esteja cin-

que a temperatura esteja cinco graus ou mais acima da média do mês por, no mínimo, cinco dias consecutivos, e numa ampla região. Esses parâmetros são da Organização Meteorológica Mundial.

— Podemos falar que são

logico também é recomendado, no mínimo ao acordar e antes de dormir. Em caso de sintomas, como coriza ou nariz muito seco, pode-se repetir a prática até cinco

— O ar-condicionado tende a ressecar muito o ambiente. O que causa desconforto e pode levar ao atendimento médico são sintomas decorrentes de falta de hidratação, e isso é perceptível pelo ressecamento do nariz e dos lábios. É preciso

nariz dos lábios. E preciso compensar a baixa umidade do ar com ingestão hídrica, o que ajuda a recuperar a imunidade e cria uma barreira — diz o clínico geral Guilherme Seith, do Hospital Casa Rio-Laranjeiras.